

O SÃO JOÃO DO ROSMANIHAL¹

St. John's Festival in Rosmaninhal

Mário Lobato Chambino²



Palavras-chave: Idanha-a-Nova, São João do Rosmaninhal, festa e festeiros

¹ Este texto corresponde ao livro publicado pelo autor em Outubro 1999, com o título *O S. João Batista do Rosmaninhal*, editado pelo Quiosque Vidal de Castelo Branco, com actualização posterior. A imagem da capa documenta uma marcha pelas ruas do Rosmaninhal. As fotografias incluídas neste texto são do autor.

² Licenciado em História pela Universidade Aberta, membro da Associação de Estudos do Alto Tejo.

Resumo

Neste texto descreve-se a festa do São João Baptista no Rosmaninhal (Idanha-a-Nova) e a motivação dos seus festeiros (o Alferes e os dois Padrinhos) para a fazerem.

Abstract

This paper describes some of the party S. John the Baptist in Rosmaninhal (Idanha-a-Nova) and motivation of their merry-makers (the Ensign and the two Godfathers) to do so.

Índice

Rosmaninhal	3
A Capela ou Repouso de São João	5
São João Baptista	6
A festa de São João Baptista do Rosmaninhal	7
“Tirar o Galo”	13
“Entrega do São João”	14
Resumo das Voltas	16
Cancioneiro de São João	16
Os festeiros de São João	21
O São João dos Ricos	21
O São João dos Pobres	24
Bibliografia	29

Rosmaninhal

O Rosmaninhal é uma enorme freguesia situada junto a Espanha entre os Rios Tejo, Erges e Aravil, fazendo parte do Concelho de Idanha-a-Nova, distrito de Castelo Branco.

A povoação, de grandes dimensões, é sede de freguesia,³ embora hoje se encontre despida de gente.

O tempo sempre passou muito devagar por toda esta região sudoeste da Beira Baixa, no meu entender a "Raia" pura, aquela "Raia" que caracteriza o Beirão pequeno, rijo e moreno.

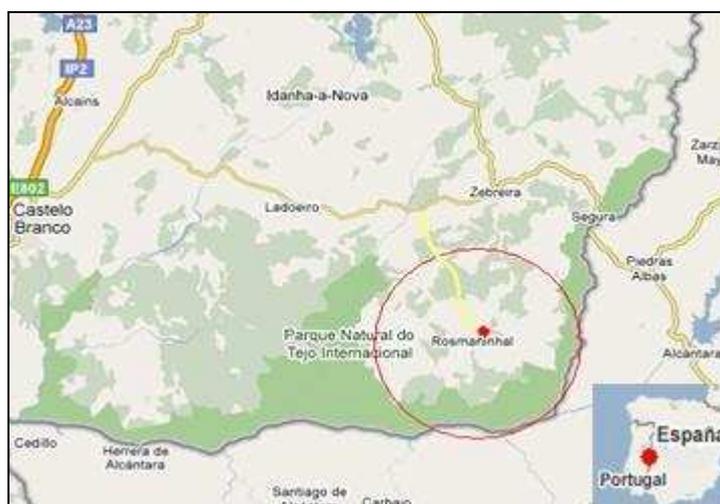


Figura 1. Localização do Rosmaninhal (fonte: Google Earth)

Desde os primórdios da Nacionalidade esta região esteve abandonada, ou quase abandonada. Várias foram as tentativas dos nossos Reis para a povoarem, mas sempre sem resultado. Apenas se acautelavam as infraestruturas necessárias para se manterem os efectivos que guarneciam as fortalezas que defendiam o reino do invasor Castelhanao.

Os extensos maninhos onde proliferavam as mais variadas espécies animais e vegetais eram abundantes sendo cultivada apenas a área em redor da povoação e pequenas áreas a que se dava o nome de granjas (Tapada da Ordem, Enxacana, Santa Marina, etc.).

Foi, pois, nesta situação que a nossa região se manteve ao longo dos anos sempre sob a alçada das Ordens Religiosas, primeiro a do Templo e depois a de Cristo.

Em 1837, com a extinção das Ordens Religiosas e com a sua arrematação em hasta pública, aparece uma nova forma de posse das terras.

A partir de 1872, com o requerimento por parte do povo para que todas as terras maninhas fossem distribuídas, todos os terrenos comunitários (através do decreto ainda publicado nesse

³ Fazem parte da freguesia do Rosmaninhal as povoações de Soalheiras, Couto das Correias e Cegonhas Novas.

ano) foram distribuídos em partes iguais (sortes) pela população, desde que fossem requeridos pelos chefes de família.

No entanto, pouco tempo depois, as mesmas terras foram arrematadas, uma vez que os seus novos proprietários não conseguiram pagar o foro devido pela posse das mesmas.

Assim alguns “ricos” adquiriram todas as terras àqueles que as não conseguiam manter, aparecendo as grandes casas agrícolas.

Além da exploração pecuária, ovelhas, cabras e porcos de montado, a cultura do trigo está, decisivamente, associada a este período. A expansão demográfica acompanha a expansão da cultura do trigo.

É pois nesta época, início deste século até fins dos anos 60, que os campos do Rosmanihal tiveram a sua maior transformação, ficando apenas incultas as terras das encostas mais íngremes dos Rios. No entanto, estas margens foram ainda aproveitadas para olival e para a exploração apícola.

O fortalecimento das casas agrícolas permite concentrar, devido à mão-de-obra muito barata, um grande número de criados, ganhões e jornaleiros, aparecendo assim os grandes arraiais (Cabeço de Mouro, Couto de Santa Marina, Poupá, Fainina, etc.).

Estas casas, embora explorando os trabalhadores, foram no entanto responsáveis pela estabilização das famílias, fazendo com que a população crescesse rapidamente.

Estes lavradores constituíam uma camada dominante, coesa e com fortes ligações ao poder central e local, contrastando com os ganhões, que constituíam a maioria da população, vivendo na miséria, devido aos baixos salários e ao desemprego cíclico e de má fé que abundava na região.

Não importa aqui falar das relações humanas que daqui advieram, pois não é este o assunto que nos propomos tratar, mas apenas dar a conhecer um pouco da vida socio-económica das gentes desta terra na primeira metade deste nosso século, que serve de palco a este trabalho sobre a festa do São João Baptista.

Tal como a expansão das culturas cerealíferas trouxeram a explosão demográfica que se deu no Rosmanihal, a par de toda a região, também o decréscimo das mesmas culturas devido ao esgotamento das terras, em favor do trabalho em Lisboa e em França, entre outros locais, provocaram um decréscimo caótico da população. Passando de cerca dos 4.000 habitantes nos finais dos anos 40 para cerca de 1.000 habitantes nos anos 70.

Parece caricato mas no último recenseamento o Rosmanihal registava mais fogos (habitações) que habitantes.

Esta é, em traços largos a história da nossa terra, uma história sem glórias e sem heróis. Uma história de homens que sempre lutaram, e continuam a lutar contra o mínguo sustento que a terra lhes dá. É esta, no entanto, a terra que herdámos e com a qual temos que nos contentar.

Tabela com a variação
de habitações/habitantes

Anos	Fogos	Habit.
1708	200	-
1862	425	1.570
1900	573	2.342
1911	705	2.974
1920	758	3.055
1930	789	3.100
1940	1.080	3.977
1950	-	3.648
1960	-	3.119
1970	870	1.736
1981	1.033	879

Ao longo destes anos os Rosmaninhenses conviveram com toda esta vida amarga, mas nunca deixaram de ser um povo bem disposto, pronto para a folia e cumpridor das obrigações cristãs. São várias as manifestações de carácter pagão e religioso ao longo de todo o ano.

Assim, assinalando o fim das colheitas e de todo um ano de labor, a nosso entender o ano laboral no Rosmaninhal termina com o início do Verão, dia 23 e 24 de Junho, festeja-se grandiosamente em honra de São João Baptista.

Não podemos de maneira nenhuma ignorar que festejos praticamente idênticos se realizam na povoação vizinha de Monforte da Beira, sendo estas as únicas povoações da Beira Baixa e talvez do País que realizam estas festas desta maneira tão característica.

Este costume poderá, provavelmente, ter sido trazido da vizinha Espanha, onde existem tantos hábito de festejos realizados com cavalos, como é o caso da Semana Santa.

Também a Capela de S. João, que, a par de outras existentes na povoação e na região, parece ter sido construída no séc. XVII, provavelmente no reinado dos Filipes, o que mais uma vez nos aproxima de Espanha. Ao contrário do que muitas vezes nos ensinaram, nem sempre vivemos de costas voltadas para Espanha, tivemos muitos períodos da nossa história em que os contactos com os nossos vizinhos foram cordiais e de franco entendimento.

A Capela ou Repouso de São João Baptista ⁴

Esta capela situa-se no limite norte da povoação ao fundo da encosta do castelo, na estrada que vai para o Cabeço Alto.

É um templo simples, de uma só nave, capela-mor com alpendre e cruzeiro.

Tem exposta a imagem de São João e a representação do orago é de sabor popular.

⁴ Era comum chamar "Repouso" às Capelas que se encontravam nos arredores da povoação.

Possui um púlpito com base de granito assente em coluna do mesmo material com varandim de madeira pintado

O tecto é em madeira de pinho e o chão de tijoleira.

Todas as cantarias (granito) se encontram pintadas a azul. Tem apenas uma vigia do lado esquerdo do altar.

Recentemente foi-lhe também adicionado um alpendre que altera a configuração da singela capela.



Figura 2. Capela e cruzeiro de São João do Rosmaninhal

São João Baptista (24 de Junho)

São João Baptista nasceu no dia 24 de Junho e é o precursor de Nosso Senhor Jesus Cristo. Do próprio Jesus Cristo recebeu o maior dos elogios: “De entre os nascidos de mulher, não há ninguém maior do que João”.⁵

O culto a São João Baptista aparece entre os mais difundidos em Roma e em toda a Cristandade. Os exércitos Cristãos dedicam-lhe Castelos e Fortalezas.⁶

É no entanto de estranhar como é possível que um Santo tão correcto na sua conduta, tal como Santo António e São Pedro, deram origem a tanta folia. Não existe na vida deste Santo qualquer pecado que se lhe possa apontar ao contrário de outros santos como São Macário e Santo Agostinho que antes de serem santificados gozaram bem os prazeres da carne e os vícios do corpo.

⁵ AAVV, Enciclopédia Luso Brasileira de Cultura, Verbo, vol. 16, p. 632.

⁶ Idem, p. 633.

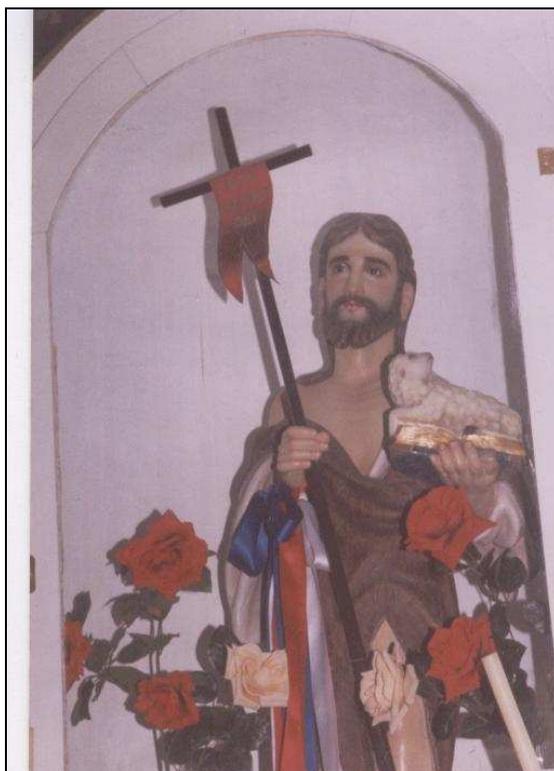


Figura 3. Imagem de São João Baptista do Rosmaninhal

Viveu no deserto, anunciou o Messias, baptizou multidões e acabou por morrer vítima da sua conduta. Ao criticar Heródes, por viver com a mulher de seu irmão Filipe, este rei mandou-o encarcerar e, mais tarde, embora a contra gosto, mandou-o decapitar a pedido da filha da sua amante com quem também tinha cumplicidades.⁷

A festa de São João Baptista do Rosmaninhal (23 – 24 Junho)

A festa de São João coincide com o solstício de Verão, significando para as antigas civilizações o poder viril e fecundador do sol. Daí também a cumplicidade do São João e até mesmo do Santo António e do São Pedro com estes temas mundanos, sendo alcunhados de Santos casamenteiros e namoradeiros.

Em todas as religiões, desde a concepção mais primitiva, até aos profundos e complexos dogmas actuais, nunca os criadores puderam separar o rito do mundo astronómico. Fantasiaram-se os disfarces mas, instintivamente prevaleceu o culto natural. Impotente para o destruir, a igreja procurou disfarçar todos estes ritos.

As fogueiras de São João são, na terra, a representação das estrelas do céu. A água bebida nesta noite é ao mesmo tempo a água do baptismo, sinal da redenção instituída por São João, como a água portadora de poderes fecundadores.

⁷ Helena Neves, adaptado do semanário Expresso de 11.06.1999, p. 123.

O São João do Rosmaninhal é pois uma festa pagã, que de religioso só tem a missa seguida da procissão, e isto só há poucos anos, pois a igreja proibia que se ligasse qualquer acto religioso a esta festa.

Para ultrapassar este facto, os festeiros diziam a missa oito dias antes ou depois do dia de São João.

O São João tem sido ao longo dos tempos, e continua a ser, a festa que mais identifica o Rosmaninhal. É uma festa para cavaleiros, as suas figuras principais, além do Santo, são o Alferes e os dois Padrinhos.



Figura 4. Alferes e Padrinhos (1993)

O Alferes é o principal festeiro e assume os festejos normalmente por promessa⁸. Os dois Padrinhos são normalmente seus familiares.

O Alferes comporta todas as despesas da festa, embora receba dos naturais e forasteiros muita ajuda, quer monetária quer em géneros.

No passado as despesas com a filarmónica corriam por conta dos Padrinhos.

Talvez para que não haja enganar, uma vez que o povo de Rosmaninhal é relativamente grande, é costume o Alferes, acompanhado pelos Padrinhos, ir esperar a “música”⁹ à Capela de São Roque, na entrada da aldeia.

⁸ Quando da Guerra do Ultramar era costume prometer-se fazer a festa se os filhos voltassem “bem” ou ficassem “livres à tropa”. Também é comum prometer-se por razões de saúde, nomeadamente quando familiares próximos são submetidos a operações. “Devoção à festa” é ainda outro motivo apontado para quem “agarra” o São João.

Seguidamente, a pé, dão uma volta ao povo tocando as músicas de São João.

O povo, esse faz a festa rija, e para isso no dia 23 de Junho já tem preparadas as canas de favas secas, o rosmarinho e o alecrim para as fogueiras que acende ao cair da noite à passagem da cavalhada.

Nesta noite o rosmarinho e o alecrim queimado dão um aroma ainda mais festivo à Povoação que se encontra toda iluminada pelas fogueiras que os cavalos, bestas e burros galgam.



Figura 5. Entrega da bandeira ao Alferes

Não faltam quedas provocadas pelos espantos das bestas mais novas ou mais bravas¹⁰ quando a rapaziada lança bombas ou rabichas¹¹ às suas patas ou lhes põem tojo¹² debaixo do rabo.

As cavalhadas têm início à porta do Alferes, que se encontra enfeitada com um pinheiro de cada lado, iluminados por lâmpadas eléctricas (que substituíram as lanternas de azeite) e balões à moda do Minho. Na varanda ou janela estendem-se colchas vermelhas e a bandeira de São João, de seda encarnada, com a estampa do Santo.

Quando todos os cavaleiros se encontram preparados, o Alferes, com uma faixa ou banda encarnada a tiracolo, montado em cavalo branco (se o houver) dirige-se para onde se encontra a

⁹ Música é o nome mais vulgar dado à Filarmónica, que por não haver no Rosmaninhal, tal como o fogueteiro, tem de ser contratado fora. Nos últimos anos já é habitual e quase familiar a presença da Banda Musical da Aldeia de João Pires (Penamacor).

¹⁰ Dias, Jaime Lopes (1948) Etnografia da Beira, vol. VII, p. 144 e 145.

¹¹ Rabichas são rastilhos de pólvora que quando acendidos provocam um zumbido e ziguezueiam até se extinguirem.

¹² Tojo é uma planta muito vulgar no Rosmaninhal, cheia de pequenos picos aguçados.

bandeira acompanhado dos Padrinhos. A esposa entrega a bandeira ao Alferes e a cavalhada põe-se em marcha pelas ruas com a "Música" à frente.

Os padrinhos, sempre um de cada lado do Alferes, seguram as borlas da bandeira que este apoia no cinturão, seguindo logo atrás todos os cavaleiros com as albardas cobertas com colchas e todos os arreios, atafaias e cabrestos enfeitados com fitas e flores.¹³



Figura 6. Marcha pelas ruas do Rosmaninhal

Três homens, ou moços feitos, servem de estribeiros ao Alferes e Padrinhos, segurando os cavalos pela rédea, tratando destes quando os festeiros se apeiam e indicando o sentido das ruas a tomar.¹⁴

Uma das passagens obrigatórias é a capela de São João. Só depois a cavalhada regressa à casa do Alferes onde este entrega a bandeira à sua esposa¹⁵ que a estende na janela sobre a colcha.

Actualmente são distribuídos, tremeços, broas de mel,¹⁶ vinho, cerveja e sumos. Antigamente era servido apenas vinho numa caldeira grande de onde os bebedores se serviam com um único copo de asa e os cavaleiros de besta grande recebiam duas broas enquanto os de besta pequena recebiam apenas uma broa.

Depois de todos os cavaleiros recolherem os animais, já noite dentro, o povo dirige-se a casa do Alferes onde é servido um magnífico jantar a todos aqueles que o desejarem.

¹³ Adaptado de Dias, Jaime Lopes (1948) Etnografia da Beira, Vol. VII, p. 143 e 144.

¹⁴ Mesquita, Jorge Eduardo P. B. Lobo (1984) Festa e Estratificação Social na Campina, p. 49.

¹⁵ Se o Alferes for solteiro entrega a bandeira à mãe ou irmã mais velha.

¹⁶ As broas são pequenos bolos circulares feitos de farinha de trigo, azeite, ovos, açúcar e mel.



Figura 7. Jantar (1999)

Dá-se início, de seguida, ao arraial que é feito à porta da casa do Alferes. Sempre que o Alferes tem disponibilidades há fogo preso (queimar a ramada) e aéreo e os tremoços e o vinho são à discrição.

Muitos namoricos começam no São João e muitos são os namorados que espreitam o momento do fogo preso, aproveitando a distração da mãe, sempre vigilante, para trocarem uns beijos ou um ou outro gesto mais atrevido.

Findo o arraial, lá para as três ou quatro da madrugada, era hábito grupos de raparigas e rapazes dirigirem-se para a Fonte das Freiras, Fonte Nova e de Chão Martins a beberem água, porque é costume dizer-se que os solteiros que não beberem água nesta noite, não se casam. Esta é mais uma razão para que se diga que o São João é um Santo casamenteiro.

No dia 24, dia de São João, a festa recomeça logo ao nascer do sol com alvorada de foguetes e morteiros. Antigamente os festeiros estavam presentes no local onde se realizava a alvorada.

Seguidamente o Alferes e os padrinhos, a cavalo, com a “Música” e demais pessoas dirigem-se para a Capela de São João, onde durante a manhã é celebrada missa em honra do Santo, seguida de procissão.

A meio das filas vai a imagem do Santo¹⁷, suportada por familiares próximo dos festeiros e em alguns anos também a Nossa Senhora do Rosário sai na procissão. No entanto, nestes últimos anos, e este facto é alargado a todas as procissões, é muito difícil encontrar voluntários para transportar os andores dos Santos.

¹⁷ É costume as pessoas pendurarem dinheiro na imagem, que é recolhido pelo Padre e também na bandeira, que é recolhido pelo “Alferes” para ajuda da festa.



Figura 8. Início da procissão com a música à frente

Algumas dezenas de metros atrás seguem o pálio debaixo do qual segue o sacerdote com a custódia.

No final segue a banda da música, executando marchas solenes (a música tocada na procissão é diferente da tocada durante as cavalhadas).

As pessoas põem colchas nas janelas de preferência vermelhas e algumas mandam grãos de arroz e trigo à passagem da imagem.

A procissão passa pelas ruas principais em direcção à casa do Alferes e de seguida regressa à Capela.

Acabada a procissão o Alferes oferece a todos um abastado almoço.¹⁸ A refeição, tal como o jantar do dia anterior, baseia-se em ensopado de ovelha, caldo do mesmo, pão, vinho e arroz doce. Para o jantar do dia da festa, refeição tão farta como a anterior, são convidadas todas as pessoas que ajudaram a realizar a festa. Antigamente realizava-se apenas um almoço no dia da festa (dia 24) e um jantar para as pessoas gradas da povoação. Só no fim do seu repasto era permitida a entrada ao demais que quisessem comer.

Hoje em dia, este hábito já não é seguido e as refeições são para todos aqueles que quiserem servir-se e tenham apetite, porque “chanfana” e vinho não faltam.

A seguir ao almoço realiza-se nova concentração de cavaleiros junto à casa do Alferes que percorrem novamente as ruas sempre com a filarmónica à frente.

No final o Alferes vai depositar a bandeira a sua casa, entregando-a sempre pela janela ou varanda a sua esposa e seguidamente dirigem-se todos para a Rua do Espírito Santo para “tirarem o galo”.

¹⁸ O almoço, embora à disposição de toda a gente, já é uma refeição menos frequentada, tendo um carácter mais familiar.

Os hábitos alteram-se, à hora a que hoje almoçamos, jantava-se há uns 50 anos atrás e isso também fez com que o programa da festa de São João sofresse alterações.

Antigamente a cavalhada que se realizava a seguir ao jantar, cerca das quatro horas da tarde, sendo interrompida para se ir “tirar o galo”, com a bandeira sempre a acompanhar os festeiros passou a realizar-se a seguir ao almoço, indo-se depositar a bandeira a casa do Alferes para se “tirar o galo”.

Só mais tarde o Alferes a vai recolher para a entregar ao novo festeiro.

Os cortejos realizados e o acto de “tirar o galo”, em tudo se assemelham aos torneios medievais, já não falando dos modos rudes e agressivos como os homens conduzem os animais e na rivalidade para conseguirem tirar o galo.

A festa de S. João do Rosmaninhal é uma festa para “Cavaleiros” o que nos faz recordar a Ordem de Cristo, implantada em Portugal por D. Dinis, no Séc. XIV, também chamada a Ordem da Cavalaria Portuguesa.

“Tirar o Galo”

Na rua é colocada uma corda que a atravessa de lado a lado. Ao meio da corda fica pendurada uma argola feita com junco ou verdasca de oliveira com cerca de 10 cm de diâmetro. Os cavaleiros a galope têm de enfiar uma vara, que não pode ser muito pequena, na argola.

O primeiro a concorrer é o Alferes. Depois é a vez dos Padrinhos e dos futuros festeiros e por fim, cada um de sua vez, concorrem todos aqueles que quiserem.¹⁹

Quando conseguem enfiar a vara na argola recebem um galo e em seguida toca a música.

Para arreliar os cavaleiros, de vez em quando, puxa-se a corda, o que os impede de enfiar a vara na argola, sendo motivo, claro está, de gargalhada para alguns e zanga para outros.

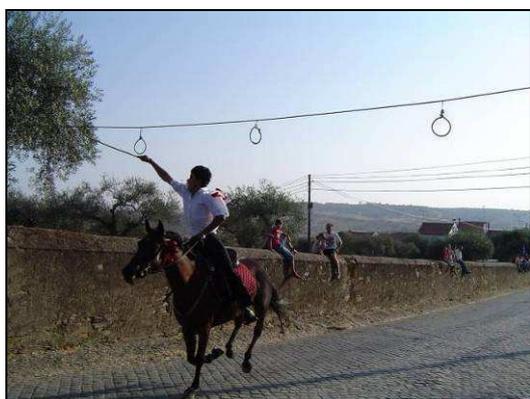


Figura 9. “Tirar o galo”



Figura 10. Entrega do prémio (galo)

¹⁹ Este “torneio” é orientado por “juízes” nomeados na altura.

“Entrega do S. João”

Findo este torneio, que como já mencionámos nos recorda os torneios medievais, a cavalhada põe-se em marcha, sempre com a música à frente, em direcção à casa do Alferes para recolher a bandeira de São João Baptista, dirigindo-se, posteriormente, para a casa do novo Alferes para lhe entregar o São João, simbolicamente representado pela bandeira.

Junto à casa do Alferes Novo, ambos montado no cavalo, o Alferes Velho tira a faixa que traz a tiracolo e coloca-a ao Alferes Novo, seguidamente entrega o cinturão e a bandeira de São João abraçando-se de seguida.

Os Padrinhos entregam a borlas da bandeira aos Padrinhos Novos e abraçam-se também.

Para finalizar esta cerimónia, brindam todos com vinho do Porto e são distribuídos tremeços, vinho e broas que o Alferes Velho ofereceu ao Novo para que ele por sua vez as possa oferecer ao povo.

As pessoas sempre bem animadas vão gritando:

“Viva o Alferes novo! Viva a festa, que o Alferes velho já não presta”.²⁰



Figura 11. Abraço dos “Alferes” na “passagem” do S. João

Os Espanhóis que antigamente assistiam em grande número ao São João do Rosmanihal gritavam:

“Viva o San Juan do Rosmanihal que dá vinho e tchoutcha (tremeços) a mim”.²¹

²⁰ Dias, Jaime Lopes (1948) Etnografia da Beira, Vol. VII, p. 147.

Seguidamente realiza-se uma última cavalhada mas desta vez já com o Alferes Novo e seus Padrinhos à frente, seguido imediatamente pelo Alferes Velho e seus Padrinhos e demais cavaleiros.

A festa termina com a entrega da bandeira pelo Alferes Novo a sua esposa.

A bandeira fica depositada todo o ano na casa do Alferes e, antigamente, tomava parte nas festas que se realizavam no Rosmaninhal, levada pelo filho mais velho do Alferes, que não tendo filhos era levada por um seu amigo. Se durante o ano morresse algum parente próximo do festeiro, a festa não se realizava.

A festa do Rosmaninhal, como já referimos, foi sempre muito querida dos Rosmaninhenses, todos contribuíam com ofertas para os festeiros, constituídas por cabeças de gado, ovos, mel, dinheiro, etc.

Na véspera de São João, logo ao nascer do sol começam-se a matar os animais oferecidos para os banquetes e nos bastidores começa todo um remoinho de actividade para que tudo esteja pronto, tanto em qualidade como em fartura.



Figura 12. Jantar cozendo nas panelas de ferro

O festeiro começa cerca de quinze dias antes a fazer os bolos (broas), que serão oferecidos durante os festejos e sempre que alguma pessoa vai a sua casa fazer alguma oferta para ajuda dos festejos.

²¹ Dias, Jaime Lopes (1948) Etnografia da Beira, Vol. VII, p. 148.

De referir que esta é a única festa em que os festeiros não fazem qualquer tipo de peditório. Costume certamente herdado da época em que o São João era feito pelos “ricos”. Pois para eles seria muito incómodo, e até humilhante, irem pedir, cabendo às pessoas a “obrigação” de fazerem a sua oferta.

Resumo das Voltas

1ª Cavalhada

Dia 23 de Junho ao pôr-do-sol, saltam as fogueiras e participam todos os cavaleiros. Jantar para toda a gente.

2ª Cavalhada

Dia 24 de Junho pela manhã (cerca da 10 horas). Saem só os festeiros a cavalo e dirigem-se à capela de São João, onde é celebrada missa seguida de procissão.

Antigamente todos os cavaleiros participavam na procissão, ocupando o seu lugar no final do cortejo.

3ª Cavalhada

A seguir ao almoço e participam todos os cavaleiros.²²

No final o Alferes vai depositar a bandeira a sua casa e dirigem-se todos para a Rua do Espírito Santo para “Tirar o galo”.

4ª Cavalhada (última)

Depois de “Tirarem o galo” o Alferes, acompanhado de todos os cavaleiros, dirige-se a sua casa para recolher a bandeira e vai entregá-la ao novo Alferes (festeiro nomeado para o ano seguinte) e já com o “Alferes Novo” à frente é realizada a última volta ao povo.

A “Banda” acompanha todas estas cavalhadas sendo o seu lugar sempre à frente do cortejo.

Cancioneiro de São João

Outra prova de afeição dos Rosmaninhenses, Rosmaninheiros ou Chamusquedos pelo São João é o rico e numeroso cancionero.

As mulheres tocam adufe e cantam o São João à porta do Alferes e também à passagem das cavalhadas.

²² Quando os próximos festeiros já são conhecidos, estes tomam lugar nesta cavalhada logo a seguir ao “Alferes” e respectivos Padrinhos.

A espécie musical pertence ao género das chamadas “cantigas de adufe”, de que a Beira Baixa mantém por assim dizer a especialidade. Duas mulheres entoam um simples inciso melódico em ritmo de marcha e num saboroso mixolidio de fá com omissão do 2º grau. A deformação da voz sobressaliente, aquela espécie de rouquidão, deve ser considerada uma característica de estilo e não um rictio caricatural, como se poderá pender e crer.²³



Na noite de São João
haja alegria a fatar,
cada qual bote a cantiga
que melhor souber cantar.

Na noite de São João
folga o povo a seu contento,
mocinhas morrendo estão
de arranjarem casamento.

Se São João bem soubera
quando era o seu dia,
desceria do céu à terra
com prazer e alegria.

Bem se vê que São João
é um santo casamenteiro,
traz um cacete na mão
e aos pés um manso cordeiro.

São João já vem perto
vem chegando à ribeira,
vem dizendo aos moradores
que metam as mãos na algibeira.

Que cavaleiro é aquele
que vai de cavalo branco?
É o São João Baptista
que vai correr o campo.

²³ Giacometti, Michel e Graça, Fernando Lopes, Música Regional Portuguesa, CD-SP 4200, Vol. 3 (Beiras), Strauss – Música e Vídeo, SA.

Ó meu rico São João
ó meu santo marinho,
levai-me na vossa barca
para o Rio de Janeiro.

Ai, meu lindo São João,
meu ramo de rosmaninhos,
dá saúde ao nosso Alferes
e também aos seus padrinhos.

Ó meu São João Baptista,
quem vos deu o borreguinho?
Encontrei-o no deserto
que andava por ali sozinho.

Ó meu rico São João
quem vos deu o borreguinho?
Apanhei-o no deserto
quando vinha de caminho.

Ó meu rico São João
eu te peço, por quem és,
me livres da tentação
das formigas salomé.

Donde vindes São João,
pela calma sem chapéu?
Venho de apagar as fogueiras
que se acenderam no céu.

Ó meu lindo São João
d'onde vens tão molhadinho?
Venho de passar a ribeira
p'ra cheirar o rosmaninho.

São João para ver as moças,
fez uma fonte de prata,
as moças não vão à fonte
e São João todo se mata.

São João, para ver as moças,
fez uma fonte de cortiça,
as moças não vão a ela
e São João todo se esganiça.

São João à minha porta?
Não tenho nada para lhe dar,
darei-lhe uma cadeirinha
para nela se assentar.

São João à minha porta?
não tenho nada para lhe dar,
darei-lhe uma fita verde
para ele pôr no altar.

São João era um bom homem
se não fora tão velhaco.
Foram três moças à fonte,
foram três e vieram quatro.

São João perdeu a capa
no caminho do estudo,
ajuntaram-se as moças todas
e compraram-lhe um sobretudo

São João adormeceu,
aos três dias recordou.
Recorda, São João, recorda
que o teu dia já passou.

Eu hei-de ir ao rosmaninho
àquela terra de além.
Para acender as fogueiras
ao São João que lá vem.

Na manhã de São João
se vê quem tem namorado,
dá a dama ao damo
um ramalhete de cravos.

Menina da saia aos ramos,
se não quer ficar solteira,
dê-me a sua mão e vamos
os dois a saltar a fogueira.

Também no céu há fogueiras,
são as estrelas, meu amor,
mal entra o anoitecer
acende-as Nosso Senhor.

Sobe a fogueira tão alta
que chega à lua, Maria,
tal e qual como o luar
chega à nossa freguesia.

Vai buscar uma braçada
de alfazema e rosmaninho,
dá mais valor à fogueira
e fica o ar perfumadinho.

Alcachofras são enganoso,
hei-de queimá-las aos molhos,
não ao lume da fogueira
mas ao lume dos teus olhos.

Menina venha pôr
o manjerico ao relento,
se não quer que o seu amor
lhe falte ao juramento.

No altar de São João
há lá rosas amarelas,
São João subiu ao céu
a pedir p'las donzelas.

No altar de São João
Há lá rosas encarnadas,
São João subiu ao céu
a pedir p'las casadas

No altar de São João
nasceu uma cerejeira,
venturosa da donzela
que lhe colher a primeira.

Aquela relvinha verde
foi a minha perdição,
perdi lá um anel d'oiro
na manhã de São João.

Na noite de São João
fui falar ao meu derraço,
pôs-se a lua e o sol nasceu
nenhum de nós deu por isso.

Para o São João que vem
hei-de morar noutra rua.
Eu ainda não tenho casa
São João, arrende-me a sua.

Na fonte lavei a face,
na manhã de São João,
assim a água me lavasse
as mágoas do meu coração.

Já ouço cantar os galos,
é madrugada, meu bem,
Adeus ó meu São João,
até para o ano que vem.²⁴

Os festeiros de S. João

Auxiliando-nos do trabalho “Festa e estratificação social na Campina” de Jorge Eduardo P. B. Lobo de Mesquita conseguimos elaborar uma lista de todos os festeiros de São João que remonta ao ano de 1945.²⁵ Anterior a esse ano torna-se difícil juntar informações, pois o aumento da distância temporal dificulta muito o apurar de factos concretos.

A informação oral diz-nos que anteriormente a 1965 “a festa era dos ricos”, frase esta bem demonstrativa de que fazia parte desta festa um cerimonial associado a um estatuto social alto, apenas ao alcance de pessoas possuidoras de elevado nível económico, que lhes permitisse assegurar as despesas da realização da festa, servindo ao mesmo tempo como ostentação da sua posição social e da sua força perante outros estratos sociais.

De todas as formas não conseguimos apurar a origem desta festa nem, tão pouco, quem ou que estrato social assumia a realização da festa num passado mais longínquo.

Assim a lista de festeiros está dividida em dois grupos onde podemos constatar que, num primeiro grupo, até ao ano de 1964, foi feita por lavradores ou comerciantes enquanto que, num segundo grupo, a festa começou a ser feita por pastores ou emigrantes. O que deixa bem presente a mudança ao nível dos estratos sociais e alguma decadência das classes até aí dominantes.

“O S. João dos ricos”

Ano de 1945

Alferes: Francisco Hipólito (Polho).

Profissão: Comerciante.

Bairro: Arrabalde.

Padrinhos: não apurados.

²⁴ Dias, Jaime Lopes (1948) Etnografia da Beira, Vol. VII.

²⁵ Todos os registos apurados pelo citado autor encontram-se a itálico.

Ano de 1946

Alferes: Francisco Goulão.
Profissão: Lavrador.
Bairro: Arrabalde.
Padrinhos: António Serejo e não apurado.

Ano de 1947

Alferes: João Folgado Velho (Moço).
Profissão: Lavrador.
Bairro: Arrabalde.
Padrinhos: Domingos Mendes e João de Deus.

Ano de 1948

Alferes: António Serejo.
Profissão: Lavrador.²⁶
Bairro: Arrabalde.
Padrinhos: Irmão e cunhado.
Observações: Neste ano o Alferes recebeu 7 vitelas, 37 ovelhas, 110 galos e alinhas, 377 dúzias de ovos, mel, açúcar, etc. Os pobres dão na maioria ovos. Só os que nada possuem, não dão. Quem leva a oferta a casa do Alferes é sempre obsequiado com broas de mel ou tremoços. Gastou 600 litros de vinho, sete vitelas e dez ovelhas. A esposa esteve 15 dias antes da festa a fazer bolos (broas). Não houve missa.²⁷

Ano de 1949

Alferes: José Ramos (Peseta).
Profissão: Lavrador.
Bairro: Vila.
Padrinhos: João Ginja e Francisco Hipólito.

Ano de 1950

Alferes: João Pinto (Ratoeira).
Profissão: Lavrador.
Bairro: Arrabalde.
Padrinhos: não apurados.

Ano de 1951

Alferes: João Seborro (Gregório).
Profissão: Funcionário Colonial Reformado.
Bairro: Vila.
Padrinhos: não apurados.

Ano de 1952

Alferes: Domingos Mendes.
Profissão: Lavrador.
Bairro: Arrabalde.
Padrinhos: Domingos Carriço (cunhado) e Manuel Serejo.

²⁶ Era considerado lavrador aquele que possuísse pelo menos uma junta de bois e fizesse sementeira.

²⁷ Dias, Jaime Lopes (1948) Etnografia da Beira, vol VII, pág. 143.

Ano de 1953

Alferes: Manuel Serejo.

Profissão: Lavrador.

Bairro: Vila.

Padrinhos: não apurados.

Ano de 1954

Alferes: João de Deus.

Profissão: Lavrador.

Bairro: São Pedro.

Padrinhos: João Folgado “Velho” e João Folgado Serejo.

Observações: A bandeira foi recolhida por Domingos Carvalho Serejo, que não realizou o São João em 1955, nem nos anos seguintes, por luto. Morreu o padrinho, depois morreu a avó e depois a sogra. Nestes anos intermédios em que Domingos Carvalho Serejo “guardou” a bandeira a festa realizou-se pelo menos duas vezes em que não foi possível apurar a data e uma outra vez em 1963, voltando sempre a bandeira para casa deste. Num ano foram um conjunto de rapazes, “filhos dos ricos”, que o fizeram de improviso numa casa vaga situada na praça, propriedade do “Sr. Zézinho Moura”. Num outro ano foi o Sr. Casimiro, empregado do “Sr. Domingos Mendes” que realizou a festa, entregando também este a bandeira ao “Sr. Domingos Carvalho Serejo”. O Alferes teve sempre o cuidado de entregar a bandeira a pessoas de sua confiança notando-se bem a intenção de não deixar que a bandeira de São João saísse da classe, pois nesta altura já se começava a notar o declínio desta.

Ano de 1963

Alferes: João Camisão.

Profissão: Taberneiro.

Bairro: Devesa.

Padrinhos: não apurados.

Observações: Curiosamente passou quase despercebido o São João nestes anos, só alguns vizinhos se lembraram.

Ano de 1964

Alferes: Domingos Carvalho Serejo.

Profissão: Lavrador.

Bairro: São Pedro.

Padrinhos: João Folgado Serejo e João Maria Pinto.

Observações: Neste período de dez anos, tempo decorrido entre a “entrega” do São João pelo “Alferes” João de Deus, em 1954, até ao ano de 1964 em que o “Alferes” que “agarrou” o São João, Domingos Carvalho Serejo o realizou, a festa foi realizada algumas vezes, delas fizemos o devido registo no entanto, temos consciência de que poderá, neste período, faltar algum festeiro.

Aqui termina o ciclo em que o “S. João era feito pelos ricos”, a partir desta data começa um novo ciclo de festeiros que advém de uma classe que teve que ganhar o pão fora do Rosmaninhal e por vezes fora do seu País, de uma classe que vivia à míngua debaixo do tecto dos que antes faziam a festa. Uma classe de homens que substituiu o cultivo das terras pela criação de gados e pelo trabalho nas fábricas ou na função pública, normalmente como militares.

“O São João dos pobres”

Na Passagem do São João de 1964 (São João dos Ricos) para o de 1965 (São João dos Pobres), o “Sr. Domingos Carvalho Serejo” abraçou o “Ti João Guerra” dando cumprimento à tradição embora o povo dissesse que isso era impossível.

O “Sr. Domingos Carvalho Serejo” talvez para tentar sossegar o “Ti João Guerra” enviou recado para que não estivesse preocupado, pois ele entregava-lhe o São João de bom grado.

Era ainda bem patente a questão da diferenciação das classes sociais.

Ano de 1965

Alferes: João Gomes Chambino “Guerra”.

Profissão: Pastor.

Bairro: Arrabalde.

Padrinhos: José Mateus Crespo (cunhado) e Manuel Churro (amigo).

Motivo: Agarrou por promessa, tinha um filho no Ultramar. Andava ganadeiro do Sr. José Pinto, vendeu uma forrazinha que tinha, depois ainda foi para França.

Observações: “Haja quem diga que não, passou o São João do Guerra para o Macarrão”, diz o Ti João Guerra com certo orgulho, que acrescenta “este verso foi dito pelo Patató que o ouviu ao Tacho Pinheiro”.

Ano de 1968

Alferes: Manuel Crespo “Macarrão”.

Profissão: Pastor.

Bairro: São Pedro.

Padrinhos: José Chambino “Tripa” (genro) e Domingos Chambino “Tripa” (neto).

Motivo: “Tinha-o agarrado, mas esperámos uns anos até que o meu neto saísse da cadeia, era por intenção dele”.

Observações: Também este festeiro esteve dois anos sem fazer a festa de São João, apresentando como justificação a prisão do neto.

Ano de 1969

Alferes: Albano Vaz Pinto “Lourenço”.

Profissão: Pastor – Rendeiro.

Bairro: São Pedro.

Padrinhos: José Vaz Pinto “Zézito” (irmão) e João “Espanhol”.

Motivo: “Foi de livre vontade que pegámos o São João, se a gente não vai a pegá-lo, abala ele daqui e lá se vai a festa”. Neste motivo nota-se a preocupação de não deixar que o São João saia do Rosmaninhal, isto porque tanto os habitante da povoação das Soalheiras como das Cegonhas já manifestaram por várias vezes vontade de serem festeiros, só que os habitantes do Rosmaninhal não permitem que tal suceda.

Observações: “Foram três os festeiros, a festa não era de nenhum, era de todos, havia um que segurava a bandeira mas dividiam os encargos pelos três”.

Ano de 1970

Alferes: João Seborro “Janota”.

Profissão: Ganhão.

Bairro: Devesa.

Padrinhos: I Rodrigues Seborro “Janota” (irmão) e Leopoldo Folgado Chambino “Caixote” (cunhado).

Motivo: Promessa por motivos de saúde.

Ano de 1971

Alferes: Carlos Tonelo Russo.

Profissão: Proprietário de Café.

Bairro: Devesa.

Padrinhos: Joaquim Folgado “Carrapato” (cunhado) e José Flores “Pandrico”.

Motivo: Promessa, se o filho não fosse ao Ultramar.

Ano de 1972

Alferes: João Seborro “Fanha”.

Profissão: Pastor.

Bairro: Devesa.

Padrinhos: João Folgado Farias “Espanhól” e Joaquim “Patató”.

Observações: Este “Alferes” já faleceu, a viúva não se lembra de quem foram os Padrinhos.

Ano de 1973

Alferes: Manuel Correia “Chairico”.

Profissão: Rural.

Bairro: Vila.

Padrinhos: José Correia e Genro (filho).

Motivo: “Foi promessa por um filho que estava no Ultramar, se ele viesse bom, a minha mulher disse que pegávamos o São João”.

Ano de 1974

Alferes: João António Afonso Tonelo “Fasquinha”.

Profissão: Pastor – Rendeiro.

Bairro: Arrabalde.

Padrinhos: José Afonso Pinto Tonelo (filho) e Joaquim Afonso Pinto (filho).

Motivo: Promessa de o filho vir “são e salvo” da guerra em Angola.

Ano de 1975

Alferes: João Maria Pinto.

Profissão: Lavrador.

Bairro: Vila.

Padrinhos: cunhado e amigo.

Observações: Não é natural do Rosmaninhal, o sogro é um lavrador que pegou o São João em 1953. Neste ano o “Alferes” convidou um amigo espanhol para Padrinho, que teve a infelicidade de deixar morrer o cavalo que montava, numa queda.

Ano de 1976

Alferes: João Chambino “Fiscal”.

Profissão: Pastor.

Bairro: São Pedro.

Padrinhos: José Parreira Sanches (filho) e Manuel Parreira Sanches.

Motivo: Promessa da esposa para que o seu filho mais velho ficasse livre da tropa e por razões de saúde do seu marido.

Ano de 1977

Alferes: José Flores “Pandrico”.

Profissão: Pastor – Rendeiro.

Bairro: Devesa.

Padrinhos: João Martins Flores e Domingos Martins Flores.

Ano de 1978

Alferes: João Sobreiro “Espanhol”.

Profissão: Pastor.

Bairro: Devesa.

Padrinhos: Joaquim “Caneco” (filho) e José “Caneco” (filho).

Ano de 1979

Alferes: João António Caldeira Pinto “Carneiro”.

Profissão: Pastor – Rendeiro.

Bairro: Devesa.

Padrinhos: Domingos Caldeira Pinto (irmão) e José Manuel Caldeira Pinto (irmão).

Observações: “Como tínhamos três filhos ía o mais velho a segurar a bandeira e os outros dois serviam de padrinhos”. Palavras do pai do “Alferes”, José Pinto “Carneiro”.

Ano de 1980

Alferes: João Correia Carreiro “Charra”.

Profissão: Pastor.

Bairro: Devesa.

Padrinhos: João Pinto Carreiro (irmão) e António Pinto Carreiro (irmão).

Motivo: Foi promessa do pai do Alferes, Manuel Correia Carreiro “Charra”. “Pegou-o por promessa, estava desenganado. Quando chegou o São João estava tão mal que tiveram de ergue-lo para beijar a imagem, foi o Irmão a fazer de Alferes. Agora anda por aí como se não tivesse tido nada”.

Ano de 1981

Alferes: António Folgado Nogueira.

Profissão: Pedreiro - Sapateiro – Tosquiador.

Bairro: Devesa.

Padrinhos: José Carlos Galante Nogueira (filho) e João Martins Galante (genro).

Motivo: “Foi por promessa da mulher, tinha a filha doente. Nesse ano até não me deu muito jeito, tinha o braço partido, mas lá se fez”.

Observações: Neste ano, como quase em todos, houve queixa da banda da música por terem que andar tanto e normalmente pelo calor. Houve um ano que foram num reboque de tractor, pois os músicos negaram-se a dar as voltas a pé. Neste ano o festeiro para animar ainda mais a noite de São João mandou vir o rancho folclórico Infantil de Idanha-a-Nova.²⁸

Ano de 1982

Alferes: Joaquim Correia “Galhita”.

Profissão: Rural (ex-emigrante).

Bairro: São Pedro.

²⁸ Embora a banda de música seja a principal animação da festa de São João, tudo depende das posses dos festeiros. Anos houve sem a presença da banda e anos em que além da banda animaram a festa conjuntos musicais, ranchos folclóricos, aparelhagens sonoras, etc.

Padrinhos: João Folgado Caldeira “Couvinha” (sobrinho) e Rui Manuel Cruz Correia (neto; filho da filha).

Observações: “Quando peguei o São João tinha vindo de França há sete ou oito anos, estive lá uns nove”. “O primeiro dinheiro que ganhasse da Reforma da França seria para fazer o São João”.

Ano de 1983

Alferes: José Manuel Tonelo Crespo “Serraninho”.

Profissão: Pastor – Rendeiro.

Bairro: Devesa.

Padrinhos: Augusto Pinheiro Crespo “Serraninho” (pai) e Manuel Pinto Tonelo “Fasquinha” (avô; pai da mãe).

Motivo: Promessa da mãe para que o filho ficasse livre da tropa ou não fosse ao Ultramar.

Observação: “Como a promessa foi feita pelo rapaz foi ele de Alferes e o pai e o avô foram de padrinhos”. Neste ano abateram-se 22 ovelhas.

Ano de 1984

Alferes: Marcelino Folgado “Tarrote”.

Profissão: Rural (ex-emigrante).

Bairro: São Pedro.

Padrinhos: Fátima Folgado Almeida (filha) e José Tonelo Louro (genro)

Ano de 1985

Alferes: José António Camisão Teixeira “Cambalhotas”.

Profissão: Trabalhador rural.

Bairro: Arrabalde (Devesinha).

Padrinhos: Carlos Alberto Camisão Mendes Teixeira (irmão) e Carlos Alberto Valentines Fernandes (cunhado).

Motivo: Promessa da família pela irmã que ia ser operada.

Ano de 1986

Alferes: Domingos Correia “Minga”.

Profissão: Trabalhador rural.

Bairro: Vila.

Padrinhos: João Luis Pinheiro Correia (filho) e Luis António Pinheiro Correia (filho).

Ano de 1987

Alferes: António Conceição Mendes “Tó Peidão”.

Profissão: Proprietário de Café.

Bairro: Devesa.

Padrinhos: António Manuel Batista da Conceição (filho) e José Pascoal (tio).

Motivo: Foi o filho que lhes pediu.

Ano de 1988

Alferes: João Galante Vinagre.

Profissão: Agricultor.

Bairro: São Pedro.

Padrinhos: João Manuel Quaresma Galante (filho) e João António Quaresma Galante (filho).

Ano de 1989

Alferes: Manuel Folgado “Bonito”.

Profissão: Jornaleiro (Sapateiro aprendiz dos Pienços).

Bairro: Devesa.

Padrinhos: João Sarafana Folgado (filho) e Manuel Celorico Romão (genro).

Motivo: Promessa da esposa pelo sucesso da operação a que o marido se ia submeter.

Ano de 1990

Alferes: Joaquim Quaresma “Carouca”.

Profissão: Emigrante.

Bairro: Devesa.

Padrinhos: António Manuel Farinha Quaresma (filho) e João António Farinha Quaresma (filho).

Motivo: A esposa (Maria Farinha) gostava muito da festa de São João e por isso “agarrou-o”.

Ano de 1991

Alferes: João Carlos Santos Galvão “Cagoita”.

Profissão: Trabalhador rural.

Bairro: São Pedro.

Padrinhos: António Manuel Santos Galvão (irmão) e José Henriques Santos Camisão (cunhado)

Motivo: Tinham vontade de fazer o São João, “nesse ano calhou”. “O Alferes era o pai “Artur Cagoita”, só que morreu-lhe a mãe e para não parecer tão mal, foi o filho de Alferes”.

Ano de 1992

Alferes: João Folgado Caldeira “Couvinha”.

Profissão: Agricultor.

Bairro: São Pedro

Padrinhos: José António Seborro Caldeira (filho) e Domingos Filipe Seborro Caldeira (filho).

Ano de 1993

Alferes: João Manuel Folgado Farias.

Profissão: Agricultor.

Bairro: Vila.

Padrinhos: Carlos Manuel Lavado Farias (filho) e Filipe Manuel Farias Almeida (sobrinho).

Motivo: Promessa.

Ano de 1994

Alferes: António Nunes Caldeira “Chaneco”.

Profissão: Comerciante.

Bairro: Vila.

Padrinhos: Acácio Neves Coelho e Emanuela Chambino Coelho.

Motivo: Surpresa à esposa.

Ano de 1995

Alferes: Joaquim Barata “Raposo”.

Profissão: Emigrante.

Bairro: Devesa.

Padrinhos: José Mendes Pinheiro (cunhado) e José Afonso (Genro).

Motivo: Promessa de que a esposa ficasse boa da operação que tinha de fazer.

Observações: Este Alferes é natural de Segura e casou no Rosmaninhal.

Ano de 1996

Alferes: João Martins Flores “Pandrico”.

Profissão: Agricultor.

Bairro: Devesa.

Padrinhos: Maria Fátima Folgado Flores (filha) e Sandra Maria Folgado Flores (Filha).

Ano de 1997

Alferes: Manuel Correia “Charra”.

Profissão: Pastor.

Bairro: Devesa.

Padrinhos: João Pinto Carreiro “Charra” (filho) e João Manuel Correia Carreiro “Charra” (filho).

Observações: Este festeiro já tinha feito o São João em 1980, só que o Alferes nesse ano foi o filho, pois ele encontrava-se doente.

Ano de 1998

Alferes: Possedónio Louro Chambino.

Profissão: Reformado.

Bairro: São Pedro.

Padrinhos: João Maria Folgado Louro Chambino (filho) e José Afonso Louro Chambino (filho).

Motivo: “Não foi promessa, ninguém o queria e agarramo-lo nós”.

Ano de 1999

Alferes: João Malcata Apolinário.

Profissão: Trabalhador rural.

Bairro: São Pedro.

Padrinhos: João Carlos Crespo Flores “Pandrico” e João Martinho Carreiro “Caçapo”.

Motivo: Não havia festeiros.

Observações: Esta festa de São João foi feita pelo grupo onomástico os “JOÕES”.

Ano de 2000

Alferes: Domingos Correia “Minga”.

Profissão: Trabalhador rural.

Bairro: Vila.

Padrinhos: João Luis Pinheiro Correia (filho) e Luis António Pinheiro Correia (filho).

Observações: Este festeiro realizou o São João em 1986.

Bibliografia

AAVV (1991-1994) - **Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura**, VERBO, vol. 16, Lisboa.

CHAMBINO, Mário Lobato (s/d) – **Monografia do Rosmaninhal** (não editado).

DIAS, Jaime Lopes (1948) – **Etnografia da Beira**, vol. VII.

GIACOMETTI, Mitchel e GRAÇA, Fernando LOPES – **Música Regional Portuguesa**, CD-SP 4200, vol 3 (Beiras), Strauss-Música e Video, SA.

MESQUITA, Jorge Eduardo P. B. Lobo de (1984) – **Festa e Estratificação Social na Campina**.

NEVES, Helena (1999) – publicado no semanário *Expresso*, 11 de Junho, Lisboa.